

# Manuel Bandeira, a poesia

Nélson Rodrigues Filho

UERJ-LETRAS

*BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.*

As comemorações do centenário de nascimento de Manuel Bandeira ensejaram a reedição de sua obra, e a imprensa — como costuma acontecer em tais ocasiões — abriu espaço para que se relembresse a figura do poeta.

O ritual comemorativo tem quase sempre o defeito de deslocar o foco, da obra que para o mito, constituído de depoimentos, confissões, entrevistas de amigos e conhecidos, que, em meio a recordações e experiências de convivência, perdem de vista, na retórica laudatória, o que, com efeito, é o mais importante: a produção poética.

Ainda que no ritualismo se possa, aqui e ali, pinçar uma ou outra informação de alguma possível relevância, ele acaba por contribuir para que o texto poético seja tragado pelo mito. O que resta disso tudo, enfim, é o esforço de reedição e divulgação da obra, para que ela volte a ser objeto de leitura.

Quanto à obra propriamente dita, ressalte-se desde logo que, a despeito de qualquer restrição que possa merecer, ela configura o trabalho de um poeta com as antenas voltadas para a história das tendências e opções da forma poética.

*A cinza das horas*, como se sabe, traz a marca do parnasianismo-simbolismo. Se na obra seguinte, *Carnaval*, essa marca não desaparece, já se observa, entretanto, o sinal de transição, cujo exemplo significativo é a inserção do poema “Os sapos”, que, em suas redondilhas menores, orquestradas pela harmonia imitativa e com o recurso da ironia e da paródia, aponta para a ruptura e transformação, vindo a tornar-se um dos textos de frente da proposta modernista, escolhido, inclusive, para leitura na Semana de 22.

*Ritmo dissoluto* rompe com o rigor métrico parnasiano, ao adotar, de modo radical e inaugural, o verso livre (comportamento rítmico fundamental da poesia modernista), incorporando, por outro lado, motivos folclóricos e cotidianos, entre o sentimental e o irônico, de que são exemplos “Meninos carvoeiros”, “Na rua do Sabão” e “Balõezinhos”, entre outros.

É com *Libertinagem*, entretanto, que assume inteiramente o seu lugar no movimento modernista. Livro publicado em 1930 (poemas de 1924 a 1930), nele cruzam-se motivos e estruturas que constituirão constantes da obra poética de Bandeira: a atitude neo-romântica da libertação através da evasão pela utopia, em “Vou-me embora pra Pasárgada”; a auto-ironia no biografismo de “Pnemotórax”; a interiorização de vultos familiares, em “Profundamente”, “Irene no céu”, “Poema de finados”, “O anjo da guarda”; o aproveitamento de imagens brasileiras — tão a gosto dos modernistas e que, no caso de Bandeira, Alfredo Bosi atribui à convivência do poeta com Mário de Andrade e Gilberto Freire — em “Mangue”, “Evocação de Recife”, “Lenda Brasileira”, “Cunhantã” e “Macumba de Pai Zunzé”, este último muito próximo do poema-*flash* e do poema-piada.

Assumindo a atitude metapoética — outra característica da poesia modernista — radicaliza, com o poema “Poética”, a rejeição do modelo poético e estético acadêmico — tão bem engedrado, por exemplo, na “Profissão de fé” de Olavo Bilac — e o faz não com o gesto referencial de manifesto, mas como experiência da forma poética. O significante torna-se experimentação e expressão do princípio, com a utilização radical do verso livre, a libertação da palavra poética do preconceito do belo, aproveitando do lugar-comum ao anglicismo, do prosaísmo ao termo matemático, em ritmo que se sustenta em repetições paralelísticas, aliterações, anáforas, rimas pobres construídas na reiteração de sufixo com efeito humorístico, enumeração caótica, a compensar, com vantagem e de maneira des-sacralizadora, a rejeição à metrificacão enrijecida, à sintaxe lógico-gramatical e o elitismo vocabular que realizavam o ideal de belo de uma certa “arte poética”.

Se, de um lado, se repete o lirismo evocativo e reminescente de “Evocação de Recife”, coabitam com ele o verso-piada e a aproximação à poesia popular. O discurso poético absorve figuras e situações cotidianas, como o camelô, em “Camelots”, no qual “o vendedor de brinquedos de tostão” recebe um tratamento lírico, ou em “Poema tirado de uma notícia de jornal”,

que confere sentido poético, com sutil ironia, economia de linguagem e exploração do verso livre, a uma notícia comum de suicídio.

*Estrela da Manhã* vincula-se ao que Alceu Amoroso Lima denominou *pós-modernismo* (geração de 30), quando, passado o momento de desmitificação da cultura e da arte acadêmicas, verifica-se uma nova preocupação construtiva e formalista.

Com *Estrela da Manhã* e o livro seguinte, *Lira dos cinqüent'anos*, observa-se a volta ao soneto e ao verso metrificado, o que, entretanto, não significa o abandono de práticas adotadas antes, como a do verso livre, o aproveitamento poético de temas populares, a reescritura de textos folclóricos e brincadeiras infantis, como "Rondó do capitão" e "Boca de forno", culminando na experiência rítmico-expressiva de "Trem de ferro", e coexistindo com a ironia de "Rondó dos Cavalinhos", a estilização lírica medieval em "Cantar de amor" e a reflexão poético-existencial a partir do cotidiano em "Momento num café", onde reaparece o tema da morte, uma das obsessões da poesia de Bandeira.

Mário da Silva Brito foi quem, provavelmente, fez a melhor síntese da poesia de Manuel Bandeira:

"Sua poesia — mesmo na linha do cotidiano, ou inspirada nas sugestões do folclore, ou partida de temas prosaicos e até vulgares, de certa visão ora ingênua, ora simples e pitoresca, ou traduzida de maneira hermética e surrealista, ou apoiada em experiências formais aparentemente delirantes e incoerentes — nunca deixa de ser pessoal, atenta aos valores universais, e marcada pelo ideal de conjugar texto e contexto. É uma constante transfiguração dos assuntos e circunstâncias, seja pela melancolia e a nostalgia, seja pela ironia e o humor".

Qualquer que seja a posição crítica que se assuma em relação à obra poética de Bandeira, o que parece indiscutível é que ela guarda um compromisso solitário com a linguagem e a prática poética. Se se constrói com o aproveitamento variado da técnica, isso, de fato, age em favor da preservação do individual.

Do momento parnasiano-simbolista à experiência concreta, passando pela adoção da proposta modernista, pela volta ao construtivismo formalista e até pela experiência concreto-desconsteladora na desmitificação do nome *Gonçalves Dias*, manteve-se fiel a uma independência que, em última análise, se vincula a um ideal pessoal e metafísico de liberdade.

De Bandeira pode-se dizer que, sem chegar à radicalidade do poeta francês, cultivou o princípio de Mallarmé, segundo o qual a poesia se faz com palavras. Isso, aliás, ele explicitamente reconhece em uma de suas crônicas, "A poesia está nas palavras", embora ressaltando que "... pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia", o que acaba por reafirmar o seu compromisso com a feição lírico-impressionista.

Poeta eminentemente lírico, poderia ser argüido por alguém quanto à sua omissão como poeta participante, em momentos, inclusive, em que essa era a atitude dominante e a necessidade histórica. Jamais poderia sua obra ser comparada, neste particular, à de Oswald de Andrade, por exemplo, que, no experimentalismo da forma, carrega uma preocupação crítica do social e do cultural.

Em Bandeira, a atitude é de um *eu* solitário e solidário que fica do lado oposto da solidariedade drummondiana de "Mãos dadas".

Dominando plenamente a técnica poética, dedicado inteiramente à poesia, seja como poeta, professor ou tradutor, sua obra, se algo teve de revolucionário, isso se limitou à experimentação formal, sem abdicar de atitudes que perfilam uma coerência neo-romântica: evasão no projeto utópico, reminiscência, reflexão metafísica sobre a vida e a morte, o olhar solidário mas à distância, a ironia e o humor sem rebeldia, a impossibilidade do amor físico sublimada pela imaginação erótica, a religiosidade.

Figura do intelectual sem culpa, egresso do momento acadêmico, tem, sobretudo, a compreensão lúcida do percurso da história literária, em que se inscreve como ativo personagem, vivendo e observando a História pelo compromisso com a mutabilidade e multiplicidade da forma literária.

*Estrela da vida inteira* reúne a obra poética e os trabalhos de tradução de Manuel Bandeira, facilitando o acesso a uma produção que merece — muito mais do que rituais comemorativos de centenário de nascimento do autor — leitura e reflexão sobre o processo histórico da poesia brasileira.